

A VERDADE - O CAMINHO E A META

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – junho de 1962²

Nada é tão buscado neste mundo e, ao mesmo tempo, nada é tão fugidio ao alcance do homem quanto a paz. Centenas de conferências foram realizadas para sua realização de forma permanente desde a última guerra [II Guerra Mundial]. Cada país que possui armas nucleares professa que os testes que realiza, os estoques que acumula e a letalidade crescente das armas que produz são todos para garantir a paz. Mas a paz parece estar muito longe. Esta é a situação mundial hoje.

Na vida individual também, o homem acumula riquezas, trabalha incessantemente e tem descendentes, tudo com a esperança de que possa descansar e desfrutar da paz no final de sua vida. Mas raramente o homem tem sucesso. Talvez o homem perca a força de seus membros, ou seus filhos se tornem ingratos e o abandonem, ou algum desfecho semelhante o alcance, e, como o *ignis fatuus* [fogo-fátuo], a paz se afasta para sempre de seu alcance. Naciketa no *Kathopanishad* diz a Yama³: ‘O homem nunca pode estar satisfeito pela riqueza. Ao ver você, teremos riqueza em abundância. Viveremos enquanto você ordenar, mas para mim a bênção que desejo é apenas isso (o conhecimento do Ser). Pois que tolo é aquele que, entrando em contato com pessoas como você, que são imunes à velhice e à morte, ainda reflete sobre o panorama colorido e efêmero e deseja viver uma vida de prazeres sensuais por um longo tempo?’⁴

Na vida até mesmo do hedonista mais fervoroso e da pessoa louca por emoções, chega um momento em que seus nervos se recusam a responder aos estímulos oferecidos. A depressão então lhe mostra a verdade. A experiência diária de um homem comum nos mostra a insuficiência e incompetência do corpo para desfrutar e lidar com o número crescente de atrações que o mundo oferece, sem perigo para o próprio corpo. O rei Bhartrihari, em um tom patético, exclama: ‘Nós não desfrutamos dos prazeres, mas somos consumidos pelos desejos.’⁵

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do original em inglês, *Truth – the Path and the Goal*.

³ A divindade da Morte.

⁴ Katha Up. 1.1.27-28.

⁵ Vairagyasatakam, 7.

Após um dia de trabalho árduo, quando a hora do descanso se aproxima, as pálpebras não obedecem às nossas ordens; o mais amado naquele momento aparece como uma sombra ou não é mais do que um sonho. Querendo ou não, escorregamos para os braços do sono, a panaceia para todas as preocupações, mas, aos olhos dos materialistas, o impedimento de todas as alegrias. Infelizmente, a paz que o homem desfruta no sono é de curta duração. Ou os sonhos invadem seu reino, ou a realidade sórdida do mundo do dia-a-dia o arrasta de volta à vigília, onde todas as situações horríveis e lembranças dolorosas que o assombravam antes o aguardam e o recebem com seus rostos horrendos. Que situação lamentável.

Colocado em tal situação, é demais esperar que o homem anseie por paz? O que pode conceder paz? Nossas escrituras declaram que apenas uma vida pura e um caráter perfeito podem garantir a paz. Como adquirir tal caráter? O caráter não é formado em um dia. É um processo que dura a vida toda. É a soma total das impressões de nossas ações realizadas no passado ou na vida atual. Uma vida pura, portanto, depende de certos princípios fundamentais, dos quais a verdade é um.

A verdade desempenha um papel significativo na formação do caráter de um indivíduo e, conseqüentemente, na cultura e no avanço da sociedade. Pois a sociedade é apenas um agregado de indivíduos. O valor da verdade não pode ser superestimado, seja na vida familiar, ou nos contatos sociais; na organização nacional ou nas comunicações internacionais. Seu potencial é imenso. Como o néctar mítico, tem o poder de rejuvenescimento de um organismo desgastado. Ela destrói toda a covardia e infunde grande força. É a fonte de um poder tremendo, sendo o eixo em torno do qual todas as virtudes giram e sendo a espinha dorsal do caráter puro.

O que é, então, essa verdade que tem um domínio tão vasto, que tem uma influência tão completa — ao ponto da obsessão — sobre o homem? A ideia da verdade do homem comum é a expressão verbal de um incidente como ocorreu ou de um fato como existe. Há outro sentido em que a palavra verdade é usada: o de aderir à palavra dada; agir como dizemos e pensar como falamos. Todos entendem isso. Mas quão difícil não achamos manter a verdade? Suponha que um homem cometa uma ofensa, por mais trivial que seja, sua primeira reação é esconder a ofensa, ou fugir da punição e, caso não consiga fazer ambos, transferir a culpa para outra pessoa. Inocentemente, ele pensa que uma falsidade dita para se salvar de uma situação embaraçosa, inofensiva para os outros, é inofensiva para si mesmo. Mas aí ele comete o maior erro. Dessa forma, ele engana a si mesmo. Como o homem pode ter certeza de que será capaz de se manter firme na verdade quando um desastre maior o confrontar, se ele não é capaz de enfrentar uma pequena situação embaraçosa?

A falsidade é como o fruto proibido. Uma vez provada, ela escraviza o homem, criando um desejo de recorrer a ela cada vez mais. Pois ela não oferece oportunidades de viver uma vida fácil e confortável sem muito esforço? O homem, portanto, se curva não para conquistar, mas para ser vencido. Ele não se inclina em humildade, mas em cobiça, e não se dobra com a idade, mas sob o peso da falsidade. Há um ditado nas

línguas indianas: 'Um homem que engana morre muitas mortes antes de deixar este mundo.'

Quão inocentemente não misturamos a falsidade livremente em nossa fala, colorimos relatos apenas para torná-los atraentes. Sem dúvida, nenhuma má ação é contemplada no início, mas o que acontece é que o hábito persiste e, provavelmente, outra vez, quando realmente prejudicar outra pessoa, não conseguimos nos controlar e tecemos teias de falsidade em nossas narrativas. Esse é o mal de cair na armadilha da falsidade. Muitas vezes descobrimos que temos que inventar metros de mentiras para apoiar a original. Além disso, quando o homem mente consistentemente, sua consciência se torna embotada. Ele não sente mais pelo outro; ai daquele que cruza seu caminho ou intercepta seus interesses. Em suas buscas materiais, ele afunda cada vez mais no lamaçal do ódio, pois se requer uma coragem moral tremenda para ser magnânimo o suficiente para assumir sua falha e aceitar as consequências com compostura, enquanto o outro caminho parece tão amplo e repleto de flores e buquês.

Temos em nossa literatura hindu dois dos exemplos mais brilhantes de firmeza e constância na verdade: Sri Ramachandra e Harishchandra. Ambos eram reis de grande integridade. Eles nunca voltaram atrás em sua palavra, mesmo que isso significasse o maior sacrifício. Nenhum preço era pesado demais quando se tratava da verdade. Rama renunciou ao seu direito ao trono no dia de sua instalação como herdeiro do reino e trilhou o caminho da floresta, despojado de todo o séquito e de toda a grandeza real, apenas para honrar a promessa extorquida de seu pai por sua madrasta. Isso não foi tudo, fiel ao espírito da promessa, ele nunca entrou nos portões de uma cidade ou desfrutou dos confortos de um convidado real durante os quatorze anos em que esteve no exílio, mesmo quando foram repetidas e honrosamente oferecidos a ele.

Harishchandra renunciou ao seu reino ao sábio Viswamitra, como um presente, e quando descobriu que não tinha dinheiro — o tesouro real já havia sido transferido ao sábio sob o presente — para pagar as taxas pela transferência do presente, ele vendeu sua esposa e a si mesmo para arrecadar a riqueza necessária. É uma história cheia de pátos. Um rei transformado da noite para o dia em um mendigo, um escravo, sem direito nem mesmo ao próprio corpo. Seu filho morre e a esposa leva o corpo ao crematório. Mas, como era o próprio guardião do terreno, Harishchandra exige as taxas de morte antes da cremação. A pobre mãe lamenta em desespero, pois onde ela poderia conseguir dinheiro, sendo uma escrava? Ele a reconhece, mas não cede. Ele seria infiel ao seu mestre? Nunca. É um melodrama. As emoções despertadas arrancam até do coração mais duro suspiros de compaixão e lágrimas de simpatia dos olhos mais secos. O sábio aparece naquele instante, restaura ao rei seu reino e tudo mais. Ele fica satisfeito em encontrar a tenacidade e persistência do rei em suportar todas as catástrofes sem arrependimento ou murmúrio em prol da verdade. Esse é o ideal colocado diante de nós, mesmo na chamada vida secular.

Qual é, então, o lugar da verdade na vida religiosa? No sentido real dos termos, a vida de um hindu não é segmentada como secular e religiosa. É uma grande

oferenda ao Supremo. O chamado secular também é vivido em busca do Ideal. Desde sua tutela como menino sob os pais e mais tarde sob seu preceptor até o dia em que renuncia ao mundo, a vida do hindu é uma preparação, um equipamento para a vida superior, para a dedicação a Deus. A verdade desfruta de uma posição primordial em todo esse estágio preparatório. Um menino de oito anos entra na morada do mestre. Ele é primeiro ensinado a ser firme na verdade. Sua manhã começa com versos de louvor à Verdade. Ele, com seu preceptor, acredita que apenas a verdade os protege. Qualquer valor que os céticos modernos possam atribuir a tais repetições e cantos, eles sem dúvida tinham um efeito salutar nos meninos daqueles dias. Pois aqueles eram os dias em que a educação era ministrada não por riqueza, nem por nome, nem por fama, nem mesmo por ordem real ou por medo da espada de reis arrogantes, mas com o único objetivo de beneficiar a sociedade, através de estudantes dignos. Nenhuma consideração além da genuinidade dos ensinamentos e de sua dignidade para receber pesava com os preceptores. O vínculo entre eles era de confiança mútua e amor. A lei que governava suas relações era a da verdade.

Há um exemplo marcante de tal preceptor, que humilhou o orgulho do poderoso conquistador Alexandre. Atraído por um homem escassamente vestido, mas de aparência serena, nas margens de um rio, Alexandre o aborda e pede que ele o acompanhe até sua terra, definitivamente com a ideia de aprender a Sabedoria do Oriente. O sábio, contente consigo mesmo, recusa todas as coisas grandiosas que Alexandre oferece. Irritado e enfurecido, o conquistador ameaça o sábio com a morte. O sábio sorri, mas as palavras que falou emitiam fogo. 'Você nunca disse uma coisa tão tola', disse ele, 'você pode rasgar este corpo, mas a Mim sua espada não pode perfurar. A Mim o fogo não pode queimar, nem o vento secar, pois sou o Espírito Eterno.' O toque da Verdade, da Realidade, transformou o homem da ideia de que ele é uma mera gaiola de ossos e carne para a realização de que ele é o Espírito imutável.

No vocabulário religioso, portanto, a verdade ganha um significado adicional. Significa a Realidade final, a Existência Última, a Verdade Absoluta. Os *Upanishads* descrevem este indescritível assim: '*Brahman* é Verdade, Conhecimento e Infinito'⁶. Essa é a única Realidade, seja qual for o nome que lhe seja dado, o resto são apenas aparências.

As *Upanishads* declaram que, assim como o barro é a única substância verdadeira dos diferentes tipos de vasos e coisas preparadas a partir dele, também esta Realidade é a única entidade verdadeira deste mundo. Se conhecermos a Realidade, conhecemos tudo. Novamente, eles dizem que seu nome secreto é '*satyasya satyam*', 'Verdade da verdade', ou seja, se tomamos essas coisas mundanas como verdadeiras, é porque essa Realidade que é verdadeira está por trás delas. 'A força vital é verdade, e Ele é a verdade disso', diz o *Brhadaranyaka Upanishad*. Além disso, eles incutem sobre nós a eternidade desta Verdade em comparação com o mundo relativo, com sua declaração '*Nityo-nityanam*', 'O Eterno do eterno' ou, como alguns intérpretes gostam de colocar, 'o Eterno do efêmero'.

⁶ Taitti. Up. 2-1-1.

Do Supremo que tudo ilumina, por Sua resolução, o certo e o verdadeiro foram gerados.⁷ Por causa da Verdade, o vento sopra. Por causa da Verdade, o sol brilha no firmamento. A verdade é o fundamento da fala. Tudo repousa na Verdade,⁸ diz o *Upanishad*.

A verdade parece ser a primeira vítima nesta chamada era da cultura. Mas mesmo aqueles envolvidos em atividades mundanas, como trabalho de escritório ou negócios, devem se ater à verdade, diz Sri Ramakrishna repetidamente. Não se deve desviar da verdade.⁹ ‘Apenas uma pessoa de veracidade tem sucesso e não um homem de falsidade, esta é a experiência comum no mundo, mas até o caminho dos devas se amplia diante da verdade.¹⁰ O significado é que mesmo aqueles que desejam ir ao céu devem aderir à verdade. Agora, sobre a liberação final, a realização da Realidade Última, o *Mundakopanishad* diz: ‘Este *Ātman* deve ser alcançado pela verdade, austeridade, conhecimento verdadeiro e prática contínua da castidade’¹¹. Assim como na vida externa, também na vida interna, a vida da alma, a verdade desempenha um papel vital.

Em uma ocasião, relatando suas experiências, Sri Ramakrishna disse: ‘Após minha visão da Divina Mãe, eu rezei a Ela, segurando uma flor em minhas mãos: “Mãe, aqui está Teu conhecimento e aqui está Tua ignorância. Leve ambos e me dê apenas amor puro. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua impureza. Leve ambos e me dê apenas amor puro. Aqui está Teu bem e aqui está Teu mal. Leve ambos, Mãe, e me dê amor puro. Aqui está Tua retidão e aqui está Tua injustiça. Leve ambos, Mãe, e me dê amor puro.” Eu mencionei todos esses, mas não pude dizer: “Mãe, aqui está Tua Verdade e aqui está Tua falsidade. Leve ambos.” Eu entreguei tudo a seus pés, mas não consegui me desfazer da verdade.’ Se este é o estado de um homem-Deus, quanto mais o aspirante que ainda tem um longo caminho a percorrer não deve se guardar contra a falsidade? Novamente, Sri Ramakrishna disse: ‘Diz-se que apenas a veracidade constitui a disciplina espiritual do *Kali Yuga*. Se um homem se apega tenazmente à verdade, ele finalmente realiza Deus. Sem esse respeito pela verdade, gradualmente se perde tudo.’ Essa é a posição invulnerável que a verdade ocupa na vida.

Esta Realidade, esta Verdade, Deus, deve ser realizada. Primeiro, devemos ter a convicção intelectual de que todas essas coisas que percebemos, sendo efêmeras, têm pouco valor. Elas são aparências projetadas na Realidade por nossa própria ignorância. O que é essa ignorância? A ignorância é nos identificarmos com tudo o que não é nosso verdadeiro Ser, como o corpo, os sentidos e a mente. Em linguagem simples, este ‘eu e meu’ está na raiz de toda a ignorância. O ego se apresenta como uma barreira para conhecer nosso verdadeiro ser. Os dois métodos para acabar com essa ignorância são expandir o ego para se tornar todo-inclusivo, todo-abarcante, ou

⁷ Mahanaraya.Up. 1-63.

⁸ Ibid. 79-2.

⁹ Taitt.Up. 1-11-1

¹⁰ Mund. Up. 1-1-6

¹¹ Ibid. 3-1-5.

aniquilá-lo completamente. Considerar cada criatura que vive e se move como nossa e estender simpatia a todos sem distinção, com a atitude de que todos são meus, pois são criaturas do meu Senhor, é o primeiro método.

O outro método é: tudo isso é material, teve um começo e terá um fim, mas a Realidade que eu sou é imutável, indestrutível, então não darei valor a essas coisas. Até o corpo é uma limitação, então devo transcender o corpo.

Um é o caminho de *bhakti*, o outro do conhecimento, a posição de cada um dos caminhos é bastante sustentável e igualmente útil, pois ambos são fundados na verdade. Enquanto tivermos a consciência de que somos o corpo, não podemos negar o mundo. Se consideramos um como verdadeiro, a verdade do outro também deve ser concedida. Então, em vez de nos confinarmos aos nossos pequenos corpos, ao nosso pequeno círculo de relações e às nossas posses limitadas, se ampliarmos nosso horizonte e abraçarmos o mundo inteiro em nossos braços de amor, alcançamos o mesmo objetivo que aquele que nega o mundo alcança. Este é o caminho mais fácil. Não temos que arrancar nada à força. Temos apenas que sublimar nosso amor. Dar nosso amor a Deus e amar todas as criaturas em e através de Deus.

Outros tomam a Realidade Última e negam tudo o mais. Eles dizem que este mundo é uma mera sobreposição, como uma serpente sobreposta a um pedaço de corda. A corda sozinha é real e não a cobra, mas devido à escuridão, a percebemos como cobra. Em nossa experiência cotidiana, também frequentemente confundimos uma coisa com outra. Os *Sankhyas* apresentam as razões para isso assim: 'A não-percepção pode ser devido à extrema distância, proximidade imediata, danos aos órgãos, instabilidade da mente, sutileza, obstrução, supressão e mistura com o que é semelhante'¹². O que é dito aqui no caso da não-percepção também é válido em relação ao equívoco: Um pássaro voando à distância não é visível. O colírio nas pálpebras não é perceptível. Um homem cego não pode ver. Uma mente vacilante não pode compreender as coisas corretamente. Uma obstrução como uma parede intercepta nossa visão. Não podemos distinguir um certo feijão entre uma pilha de feijões. Da mesma forma, em nossas percepções, confundimos um objeto com outro ou não os vemos de forma alguma.

Um dia, quando Sri Ramakrishna estava falando com os devotos, ele aludiu ao tópico da proximidade de Deus e disse que, embora Deus esteja muito perto de nós, não podemos vê-lo por causa do poder encobridor de *Maya*. E para ilustrar o que ele disse, de repente segurou um pedaço de pano entre ele e a plateia. 'Vocês não podem me ver agora, embora eu esteja tão perto. Assim, *maya* também cobre Deus.' Em outra ocasião, ele deu o exemplo de um tanque coberto com espuma. Vamos citar suas próprias palavras: 'Uma vez, quando eu estava explicando as ações de Deus para alguém, Deus de repente me mostrou o lago em Kamarpukur. Eu vi um homem removendo a espuma verde e bebendo a água. A água estava clara como cristal. Deus me revelou que *Satchidananda* está coberto pela espuma de *maya*. Aquele que afasta a espuma verde pode beber a água.' Então, embora a Realidade esteja mais próxima de

¹² Sankhya Karika 7.

nós, não a percebemos por causa dos muitos véus com os quais a cobrimos, os véus dos parentes, nome, forma e semelhantes. E a isso também adicionamos o véu da falsidade e tornamos a visão de Deus uma impossibilidade. Nosso esforço, portanto, deve ser cortar esses véus com a espada da verdade. Abandonar o que é irreal e se apegar ao real.

Em conclusão: vimos como a verdade desempenha um grande papel não apenas na vida exclusivamente espiritual, mas também nas atividades mundanas. É tanto o caminho quanto a Meta. A meta suprema da humanidade. Esta Realidade Última sendo a suprema verdade, quanto mais cedo a compreendermos, melhor será para nossa vida aqui e nas vidas futuras.

